

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E O SENTIDO QUE HABITA A EXPRESSÃO “FIQUE EM CASA!”: a (in)visibilidade das pessoas em situação de rua

*Reinaldo Batista dos Santos
Elione Maria Nogueira Diógenes*

Resumo

Este trabalho reflete sobre o sentido que habita a expressão “fique em casa!”, no atual contexto pandêmico, discutindo, inclusive, a condição de (in)visibilidade sofrida pelas pessoas em situação de rua. Consideramos os sujeitos aqui investigados como sujeitos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A EJA no seu sentido lato, que inclui a perspectiva da Educação ao longo da vida, não diz respeito à EJA apenas como uma modalidade escolar. Ao contrário, ela considera a educação como um direito. Nossa pesquisa coloca em relevo esses sujeitos - barrados em sua trajetória escolar ou com passagens intermitentes pela escola. Nesses diálogos trazemos Certeau (2009) e Santos (2010) que nos ajudam a compreender a condição de (in)visibilidade sofrida pelos sujeitos que sempre estiveram do “outro lado da linha”. O surgimento do tema se deu ao rememorar as vozes desses sujeitos, que de certo modo, são silenciadas. E isso reflete na expressão que habita “fique em casa!”. Qual o sentido que a expressão “fique em casa!” tem/faz para quem está na rua? Quais são as condições de produção desse discurso? Para quem ele se dirige? Quando são colocados em abrigos é para protegê-los ou proteger as pessoas que “têm casas”? São tantas perguntas que aí se desdobram que nos fazem pensar nessas pessoas que estão em situação de rua, e que não podem ter seus direitos apagados. A partir das reflexões, percebe-se que a expressão ratifica a (in)visibilidade dessas pessoas.

Palavras-chave: EJA; pessoa em situação de rua; (in)visibilidade; “fique em casa!”.

YOUTH AND ADULT EDUCATION AND THE MEANING OF THE EXPRESSION “STAY AT HOME!”: the (in)visibility of homeless people

Abstract

This work reflects on the meaning that inhabits the expression “stay at home!” in the current pandemic context, also discussing the condition of (in)visibility suffered by people in the situation road. We consider the subjects investigated here as subjects of Youth and Adult Education (YAE). YAE in its broad sense, which includes the perspective of Education throughout life, does not refer to EJA only as a school modality. On the contrary, it considers education as a right. Our research highlights these subjects - barred from their school trajectory or with intermittent passages through school. In these dialogues we bring Certeau (2009) and Santos (2010) that help us to understand the condition of (in)visibility suffered by subjects who have always been on the “other side of the line”. The emergence of the theme took place when remembering the voices of these subjects, which in a way, are silenced. And this is reflected in the expression that inhabits “stay at home!”. What is the meaning of the expression "stay at home!" have/does it for those on the street? What are the conditions for the production of this discourse? Who is it for? When are they placed in shelters is it to protect them or to protect people who “have houses”? There are so many questions that unfold there that make us think of those people who are on the streets, and who cannot have their rights erased. From the reflections, it is clear that the expression ratifies the (in)visibility of these people.

Keywords: YAE; homeless person; invisibility; "stay at home!".

EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS Y EL SIGNIFICADO DE LA EXPRESIÓN “¡QUÉDATE EN CASA!”: la (in) visibilidad de las personas sin hogar

Resumen

Este trabajo reflexiona sobre el significado que habita la expresión “¡quédate en casa!”, en el contexto pandémico actual Incluso discutiendo la condición de (in) visibilidad que sufren las personas en situación de calle. Consideramos los temas aquí investigados como temas de Educación de Jóvenes y Adultos (EJA). EJA en su sentido amplio, que incluye la perspectiva de la Educación a lo largo de la vida, no se refiere a EJA solo como una modalidad escolar. Al contrario, considera la educación como un derecho. Nuestra investigación destaca estos temas, excluidos de su trayectoria escolar o con pasajes intermitentes por la escuela. En estos diálogos traemos a Certeau (2009) y Santos (2010) que nos ayudan a comprender la condición de (in) visibilidad que sufren los sujetos que siempre han estado al “otro lado de la línea”. El surgimiento del tema se produjo al recordar las voces de estos sujetos, que en cierto modo, son silenciados. Y esto se refleja en la expresión que habita “¡quédate en casa!”. ¿Cuál es el significado de la expresión “¡quédate en casa!”? ¿Tiene / lo tiene para los de la calle? ¿Cuáles son las condiciones para la producción de este discurso? ¿Para quién? ¿Cuándo se colocan en albergues para protegerlos o proteger a las personas que “tienen casas”? Son tantas las preguntas que se desarrollan allí que nos hacen pensar en esas personas que no tienen hogar y que no pueden borrar sus derechos. De las reflexiones se desprende que la expresión ratifica la (in) visibilidad de estas personas.

Palabras clave: EJA; persona sin hogar; invisibilidad; “¡quédate en casa!”.

Introdução

Este estudo é um recorte de uma pesquisa de doutoramento que tem como título “A (in)visibilidade das pessoas em situação de rua: narrativas no campo da educação formal e existências”. Esta pesquisa coloca em relevo as pessoas em situação de rua que, ao contrário do que se costuma pensar, muito nos têm a dizer. Assim, o objetivo deste artigo é refletir sobre o sentido que habita a expressão “fique em casa!”, discutindo, inclusive, a condição de (in)visibilidade sofrida pelas pessoas em situação de rua, no atual cenário pandêmico. Consideramos os sujeitos aqui investigados como sujeitos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A EJA no seu sentido lato, que inclui a perspectiva da Educação ao longo da vida, não diz respeito à EJA apenas como uma modalidade escolar. Ao contrário, ela considera a educação como um direito. E isso tem a ver com a democratização do ensino, garantindo a todos os indivíduos o acesso, com permanência, à Educação (UNESCO, 1997, p.3).

O surgimento do tema se deu ao recordar as vozes desses sujeitos, que de certo modo, são silenciadas. E isso reflete na expressão que habita “fique em casa!”, no atual contexto pandêmico. Qual o sentido que a expressão “fique em casa!” tem/faz para quem está na rua? Quais são as condições de produção desse discurso? Para quem ele se dirige? Quando são colocados em abrigos é para protegê-los ou proteger as pessoas que “têm casas”? São tantas perguntas que aí se desdobram que nos fazem pensar nessas pessoas que estão em

situação de rua, e que não podem ter seus direitos apagados. Nesses diálogos trazemos Certeau (2009) e Santos (2010) que nos ajudam a compreender a condição de (in)visibilidade sofrida pelos sujeitos que sempre estiveram do “outro lado da linha”.

É, portanto, um ambiente onde circulam que os convoca todo tempo para este lugar do saber e, de modo particular, da cultura. Além disso, o fato de eles circularem nas ruas de Maceió faz com que, estejam expostos a conversas e olhares que, de alguma forma, se fecham para esses sujeitos. Essas pessoas em situação de rua estão permanentemente nesta zona de contato com atores sociais que representam uma “cultura” – um tipo de cultura que, certamente, faz parte do imaginário da cultura popular (até mesmo para aqueles que não chegaram a frequentar a escola).

Nesse sentido, a contribuição deste estudo vai além de uma simples transmissão de informações acerca da realidade que se expressa no cotidiano das pessoas em situação de rua. Assim, diz respeito a uma partilha da própria concepção de mundo que os envolvidos possuem, uma abertura para o diálogo, e ao mesmo tempo, uma abertura para relevar o que os motiva, inspira e representa o cotidiano no qual estão inseridos. A decisão de trazer à tona uma questão bastante preocupante tem a ver também com a necessidade de poder dialogar com estudos teóricos, tais como de Santos (2010) que discute acerca da invisibilidade que a sociedade moderna ocidental estabelece e Certeau (2009), trazendo os estudos voltados para o cotidiano de sujeitos que sempre estiveram excluídos dos processos formais de ensino-aprendizagem. Daí a importância de uma educação contra-hegemônica, dando voz e vez aos saberes poucos reconhecidos no cotidiano.

Nesse contexto, discutir sobre esses sujeitos nos espaços da universidade e, principalmente no campo da educação é de grande valia, pois a educação ainda limita seus estudos (exemplo disso são os poucos trabalhos encontrados nesta área, conforme o levantamento realizado sobre dissertações e teses acerca das pessoas em situação de rua) para os espaços formais, uma vez que os sujeitos de rua “não fazem parte” dos estudos dos pesquisadores da área de educação nos últimos cinco anos, pois ao buscar no repositório institucional da UFAL e no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação e Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES) não encontramos nenhum trabalho em educação voltado para pessoa em situação de rua (entre 2014 a 2019). Para tanto, utilizou-se palavras-chave como “pessoa em situação de rua”, “população de rua” e “morador de rua”. Porém, foram encontradas duas dissertações em outras áreas sobre essas pessoas em situação de rua, conforme o quadro abaixo:

Tabela 1: Levantamento de pesquisas voltadas para as pessoas em situação de rua

Local – site de busca	Título do trabalho	Tipo	Data	Área - Campo
Repositório UFAL	Narrativas autobiográficas de adultos em situação de rua: considerações sobre metodologias na psicologia cultural.	Dissertação	2018	Psicologia
Repositório UFAL	O cuidado às pessoas em situação de rua de Maceió-Alagoas: um estudo de caso	Dissertação	2016	Psicologia

Fonte: Pesquisador, 2019.

Ao fazer a busca, vale ressaltar que encontramos uma dissertação de mestrado na área de educação sobre os educadores que trabalham com pessoas em situação de rua, mas as pessoas em situação de rua não foram “protagonistas”, assim, o título da dissertação foi “Educadores sociais de rua: discursos a (des)velar”, publicada no ano de 2009. Além disso, a dissertação não se enquadrava ao filtro da busca, pois realizamos a busca apenas de trabalhos que foram publicados no período de 2014 a 2019. As palavras-chave que utilizamos no portal foram “pessoa em situação de rua”, “população de rua” e “morador de rua”, como informado anteriormente.

Ao realizar esta busca exploratória, percebemos poucos trabalhos voltados para esses sujeitos que, de alguma forma, são excluídos do convívio social na sociedade. Com intenção de dar visibilidade a essas pessoas, brotou o interesse de trabalhar com imagens fotográficas, pois a tese sustentada neste estudo é que as pessoas em situação de rua são (in)visibilizadas pela sociedade moderna ocidental capitalista, visto que são sujeitos vivendo à margem da sociedade, ou seja, pessoas privadas do atendimento às necessidades básicas humanas.

Trajetórias metodológicas: narrando experiências

Na intenção de construir conhecimentos por meio do cotidiano vivenciado pelos sujeitos desta pesquisa, assumimos o compromisso de realizar esta pesquisa na tentativa de dar voz e vez a estes sujeitos. Para tal, era preciso dar visibilidade e tentar tirá-los da zona da invisibilidade, trazendo à tona seus dizeres e fazeres. Assim, os procedimentos teórico-

metodológicos da ecologia de saberes e cotidiano nos permitiram trabalhar nesta perspectiva da emancipação do sujeito.

Nessa perspectiva, os aspectos metodológicos se ocupam da responsabilidade não apenas de investigar os produtos da pesquisa, mas fundamentalmente o próprio processo da produção científica. É onde se encontram os rastros e a invisibilidade que a pesquisa conservadora dominante tenta ocultar. Dessa forma, Santos (2008) revela que na ecologia de saberes há uma diversidade de culturas, com diferentes formas de produzir saberes que atravessam atividades produtivas, culturais, sociais entre outras.

O caminho percorrido metodológico atravessou uma perspectiva pautada por um olhar do pesquisador, a partir de movimento de aproximação com os sujeitos, tomamos como ponto de partida a escuta como um meio de estabelecer uma relação entre os atores envolvidos na investigação, entendendo, assim, que esta se configura como uma necessidade que emerge dos processos desenvolvidos nas sociedades contemporâneas.

Utilizamos a fotografia como possibilidade de revelar histórias de vida, saberes e memórias, assim, apoiamo-nos em Barthes (1984), Ciavatta (2002) e Samain (1995). O trabalho está pautado nos estudos metodológicos voltados para o Cotidiano de Certeau (2009b) e atravessado pelos estudos teórico-metodológicos de Santos (2010) que relata em suas pesquisas a “sociologia das ausências” e “sociologia das emergências”. Dessa forma, é a partir da “sociologia das ausências” que se busca dar visibilidade ao que era invisível. Tornar existente o que até então não era existente. E isso parece ser o dilema provocado pelo pensamento ocidental moderno que só legitima uma forma de conhecimento. Já a “sociologia das emergências”, apresenta-se como um método de investigação que se impõe como alternativa ao modelo hegemônico, dando visibilidade a práticas e saberes que ainda não foram plenamente reconhecidos no presente, mas se mostram uma “probabilidade de esperança” (SANTOS, 2008).

A imagem fotográfica permite revelar experiências, pois de acordo com Samain (2012), as imagens são produzidas a partir de determinados conhecimentos e que produzem também conhecimentos - seus cotidianos, suas táticas de “uso/apropriação” do espaço e tempo de onde foi tirada e por quem foi tirada. As fotografias implicam, entre outras coisas, pensá-las como revelação e uma “grande e misteriosa experiência”, e ainda, contribuem para tornar uma experiência narrável (BENJAMIN, 1984).

Nesse sentido, trazemos para este trabalho apenas as memórias narrativas de um sujeito (Poseidon¹), para demarcar nossa discussão teórica, embora o *corpus* contabilize um total de 6 sujeitos. Para viabilizar as fotografias, houve o empréstimo de uma câmera digital (de propriedade do pesquisador), num esquema de rodízio. Ou seja, cada sujeito da pesquisa registrou com a câmera digital, considerando o momento do diálogo e presença do pesquisador. Esse prazo estabelecido levou em conta: a demanda de sujeitos para produzir as imagens; quantidade de máquinas disponíveis; e o horário “disponível” para realizarem essa atividade, uma vez que não podiam fotografar durante a noite, por exemplo. Assim, todas as fotos foram registradas durante o dia. Vale dizer que a pesquisa foi realizada na cidade de Maceió, no Estado de Alagoas. Portanto, utilizamos a fotografia como estratégia de desvelar histórias de vida e saberes/fazeress dessas pessoas em situação de rua, tentando ser coerente com a perspectiva de uma educação contra-hegemônica.

A (in)visibilidade das pessoas em situação de rua e o sentido da expressão “fique em casa!”

Iniciaremos este tópico com a “voz” de Poseidon, trazendo à tona sua história de vida. Assim, com a palavra o senhor Poseidon:

Tenho 39 anos. estou aqui na praça esperando minha família. Nasci aqui mesmo em Alagoas. Estudei pouca coisa, até a 4ª série, eu acho...por aí. Não lembro bem.

Poseidon, inicia sua história relatando sua idade, onde nasceu e o tempo/período de estudo. Observa-se, então, que é um sujeito de pouca escolaridade que, por algum motivo, foi lhe retirado o direito de estudar, uma vez que atualmente encontra-se em situação de rua. De fato, os sujeitos em situação de rua parecem que estão sempre “do outro lado da linha”, pois eles desaparecem enquanto realidade. Não trazemos aqui o quantitativo de sujeitos que deixaram de frequentar a escolar, pois esses dados ainda estão sendo computados, mas é importante dizer que a grande maioria deixou de frequentar a escola por diversos motivos (envolvimento com drogas, trabalhar desde criança, conflito familiar, gravidez), conforme relata Poseidon:

Pesquisador - você lembra até que série(ano) estudou?

Poseidon - até a 4...3 série, por aí.

¹ Utilizamos nomes fictícios.

Pesquisador - o que te fez parar de estudar?

Poseidon - as drogas, briguei com a família. Sai até de casa...

Solicitamos que Poseidon produzisse imagens de algo que lhe chamasse atenção em seu cotidiano. Depois, conversamos um pouco sobre a foto. Ao produzir a fotografia Poseidon narrou que lembrava o lugar onde morava e ia à escola. Relatou que residia em um prédio parecido com este (verificar a foto abaixo). Percebemos o enredamento subjetivo envolvido nesta fotografia. A potência da imagem, ao rememorar a própria história de vida e principalmente a casa onde morava.

Figura 1: Uma boa esperança.



Fonte: Poseidon, 2019.

Pesquisador – e do prédio...porque você escolheu tirar foto deste prédio...? qual

título...qual legenda você daria...nome?

Poseidon – do prédio...!? aah... me fez lembrar...uma boa esperança...

Pesquisador – porque uma boa esperança...? lembrar o quê?

Poseidon – faz parte da minha vida assim... assim... tenho esperança de voltar pra casa. tenho esperança.

(...)

Pesquisador – você acredita que se tivesse continuado a estudar e não se envolvido com drogas, estaria em um outro lugar? sua vida mudaria?

Poseidon – com certeza. com minha família. Estou aqui esperando eles. Poderia estar famoso...é... eu joguei bola no SESI...hoje eu estaria poderoso....seria um jogador famoso (risos) todo mundo ia olhar pra mim.

Pesquisador – as pessoas não olham pra você...?

Poseidon - assim...alguns não...eu...na rua. Algumas diz “oi”...”oi”...aquelas pessoas desse prédio (se referindo ao prédio que tirou foto), me ajuda...

Esse sujeito, ao relatar sobre sua história de vida, o que nos chamou atenção é o passado implicado no seu cotidiano. Percebe-se, talvez, o desejo por um lar. Dessa forma, a subjetividade está impregnada desse desejo de proteção. Assim, parece-nos que a expressão “fique em casa!” aguça “uma ferida subjetiva”. É importante voltar a pergunta inicial: qual o sentido que a expressão “fique em casa!” tem/faz para quem está na rua? Para quem ela se dirige? Talvez se dirija para um “jogador de futebol”, como bem disse Poseidon, que se fosse um “jogador de futebol, poderia estar ocupando um outro lugar.

Nesse contexto, pode-se dizer que a sociedade moderna ocidental é abissal. Ou seja, como diria Santos (2010), cria-se uma linha imaginária, na qual separa quem está “deste lado da linha” e quem ocupa “o outro lado da linha”. A divisão é tal que “o outro lado da linha” é produzido como inexistente. Portanto, os que estão do “outro lado da linha” são (in)visibilizados, na condição de inexistência, em todos os sentidos, até mesmo na expressão que habita a frase “fique em casa!”, pois não o inclui enquanto sujeito.

O curioso também que a fotografia realizada por Poseidon releva esse seu ‘EU’, que está a todo instante buscando o seu (re)conhecimento, uma espécie de apelo à justiça cognitiva cuja falta é o reflexo de uma injustiça social.

Não podemos deixar de dizer também que esse sujeito, ao relatar sobre sua história de vida e escolar, percebe-se as pistas marcadas pela interrupção e exclusão escolar, dada à sua condição econômica e social atualmente e seu envolvimento com drogas. Na verdade, mais do que se retirar da escola, eles foram (e continuam sendo) “eliminados” do processo de escolarização – negados que são em seus saberes. Observa-se o quanto o envolvimento com drogas e trabalho na adolescência tornou mais tortuoso o percurso escolar desse sujeito. Por isso que,

Fundada na ciência moderna, na absolutização do saber formal como única forma de saber e na crença de que cabe à escolarização ‘eivar’ o educando da ‘cultura popular’ à alta cultura, modelo de escola dominante promove inferiorização discriminatória dos diferentes, universalizando particularismos tanto na estruturação do próprio sistema, evidenciando seu comprometimento com o projeto capitalista de progresso através do desenvolvimento ilimitado possível através da melhoria de produtividade pela ampliação de acumulação (OLIVEIRA, p. 83, 2008).

Isso se configura como uma forma de exclusão desses sujeitos do saber cultural escolar. Como adverte Bourdieu e Passeron (2008), a sociedade ocidental capitalista é uma sociedade hierarquizada, constituída segundo uma divisão de poderes extremamente

desigual. Assim, são sujeitos considerados inexistentes pela sociedade moderna ocidental capitalista.

Nesse contexto, inexistência significa, nas palavras de Santos (2010) não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível. E é esse “outro lado da linha” que as pessoas em situação de rua parecem ocupar, considerando a exclusão sofrida ao longo da vida e que ainda sofrem. E assim se impõe um silêncio. Mas, ainda: de acordo com o pensamento de Santos (2010), é uma forma de silêncio que se opera sem silenciamento. Ou seja, os (in)visibilizados, que estão do “outro lado da linha”, não têm como dizer o que na verdade poderia ser dito. E, certamente, por isso, persistem zonas silenciosas de injustiças cognitivas e, por consequência, injustiça social.

No atual cenário pandêmico, é preciso dizer que as pessoas em situação de rua é um reflexo das desigualdades sociais existentes no Brasil, implicada pelas relações sociais contraditórias da sociedade capitalista moderna ocidental, sustentada numa relação entre trabalho e capital. É instigante pensar que os sujeitos em situação de rua são frutos dessa macabra desumanidade que é o capital que, confirma de uma forma implícita a exclusão desses sujeitos na expressão “fique em casa!”.

A sociedade neoliberal moderno ocidental busca normalizar e padronizar pessoas. Pensar os sujeitos de rua num sistema neoliberal é refletir sua condição existencial, visto que a ótica capitalista é desumana, elimina e exclui os sujeitos de rua, em vários sentidos. Pois para os capitalistas, esses sujeitos representam o não trabalho, a não normalidade, uma vez que esses sujeitos são “pesos” e “custam caros” para manutenção do capital.

Desse modo, o neoliberalismo com suas políticas sociais, tenta, a todo custo aquilo que Ferraro (2004) vai chamar de naturalização da exclusão, relatando que “todos buscam na naturalização do social a legitimação da exclusão social” (FERRARO, 2004, p.100). Numa sociedade capitalista neoliberal é preciso pensar sobre as pessoas em situação de rua que vivem em vulnerabilidade social, sem nenhuma condição digna de sobrevivência.

Esta sociedade é marcada pela extrema concentração de renda para “um lado da linha”, como diria Boaventura de Souza Santos (2010). Mas, exclui o “outro lado da linha” e marginaliza seus valores e suas culturas, assim, supervalorizando o capital, pois estas pessoas são, de certo modo, alijados de participação social, política e cultural na sociedade. Ou seja, o seu direito de ser cidadão é negado por esse sistema neoliberal opressor e operante de forma cruel e desigual. Mais ainda: “o que mais assombra é o cinismo com que se justifica a exclusão social e se tranquiliza a consciência argumentando que isto é da natureza das coisas

e, por isso, inevitável” (FERRARO, 2004, p. 1004). E tudo isto é ratificado na própria expressão “fique em casa!”, pois é uma frase que não inclui os sujeitos que estão em situação de rua. Ao contrário, apaga-os, excluindo a sua existência na sociedade. No entanto, é preciso ressignificar esta expressão e lutar por uma sociedade cada vez mais justa e humana. Perceber que a EJA não diz respeito apenas aos espaços escolares. Há pessoas por toda parte e que não tiveram acesso a educação formal.

Considerações

Ainda que todas essas histórias de Poseidon estejam coalhadas de fantasias, elas não deixam de revelar o quanto Poseidon se ressentia dessa falta de visibilidade que recai sobre ele em seu cotidiano. Mais ainda: a expressão que habita o termo “fica em casa!”, não o inclui enquanto sujeito. O desejo de ser olhado com respeito e distinção se potencializa nas narrativas orais desse sujeito. E para ele, possivelmente, pelas suas experiências, só os “poderosos” (aqueles que são vistos) gozam desse prestígio. Ele acredita que só quem ocupa certos lugares de poder (como ele mesmo se referiu a um jogador de futebol) é dado o direito de ser visto. Certamente, a expressão “fique em casa!” transita o discurso e o cotidiano desses sujeitos que se consideram como “fortes” (CERTEAU, 2009), mas ratifica a (in)visibilidade das pessoas em situação de rua, que não podemos deixar de dizer que são sujeitos da EJA, mas, que de alguma forma, foram excluídos desses espaços/territórios.

Assim, esses sujeitos ao fazer suas narrativas orais, pode recheá-las com as suas fantasias e ressignificar suas frustrações. Por isso, o sujeito não perde a oportunidade de (re)criar sua(s) história(s). Afinal, como diz Etienne Samain (1995), toda imagem é uma memória de memórias. Com efeito, a expressão “fique em casa!” não faz sentido para esses sujeitos, afinal: “que casa?”. Portanto, é preciso ressignificar a expressão “fique em casa!”, uma vez que esses sujeitos estão na zona de silêncio, pois são pessoas consideradas como inexistentes, uma vez que suas histórias são apagadas, devido a sua condição de (in)visibilidade.

Referências Bibliográficas

- BAKHITIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martin Fontes, 1997.
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**: notas sobre fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, Walter . **Obras escolhidas III**: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. 3a. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2009a.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: Morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 2009b.

CIAVATTA, Maria. **O mundo do trabalho em imagens**: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

SAMAIN, Etienne. “Ver” e “Dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. **Horizontes Antropológico**, n. 2, p. 23-60, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2004

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa & MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010a.

Submetido em julho de 2021
Aprovado em agosto de 2021

Informações do(a)s autor(a)(es)

Reinaldo Batista dos Santos

Universidade Federal de Alagoas

E-mail: batistareinaldo0389@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7682-9523>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8664524414563817>

Elione Maria Nogueira Diógenes

Universidade Federal de Alagoas

E-mail: elionend@uol.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9237-6667>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2352567866641388>